

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada

Abril 8 - 18 - 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 - 15 - 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maió 20 - 21 - 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 - 3 - 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 - 24 - 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 - 3 - 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 - 28 - 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 - 16 - 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 - 7 - 8

Gustav Leonhardt, *cravo*

Novembro 11 - 12 - 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*

FJ

Na BOVESPA, a cultura está sempre em alta.



A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
E nos 85 anos da Sociedade de Cultura Artística não podia ser diferente.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

1997

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA
apresenta

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle
regência

*Turnê Sul-americana
realizada com a
colaboração de*



apoio



Apoio
Institucional
da Prefeitura do
Município de
São Paulo
Lei 10.923/90



promoção



patrocínio



SEMP TOSHIBA



UNIBANCO





*City of Birmingham
Symphony Orchestra*



Embora a cidade de Birmingham detenha longa e importante tradição musical, sua primeira orquestra, ou pelo menos sua primeira orquestra fundada com sucesso, data do ano de 1920 e resultou do empenho de um grupo de cidadãos de alto espírito público liderados por Neville Chamberlain. Há mais de sete décadas, o Conselho Municipal de Birmingham aprovaria um estipêndio anual de 1.250 libras para a então nova Orquestra da Cidade de Birmingham – o adjetivo “Sinfônica” ser-lhe-ia acrescido apenas em 1948 –, que assim tornou-se a primeira das orquestras nacionais inglesas a receber recursos municipais.

O conjunto estreou sob a regência de *Sir* Edward Elgar, no histórico *Town Hall* de Birmingham, e desse concerto em diante tornou-se cada vez mais conhecido – local, nacional e internacionalmente –, conquistando lugar de destaque dentre as mais importantes orquestras sinfônicas da Inglaterra. O prestígio adquirido pela Sinfônica da Cidade de Birmingham ao longo dos anos levaria à inauguração, em 1991, do magnífico *Symphony Hall*, em sua cidade natal.

Nomeado Regente Principal e Conselheiro Musical da Orquestra Sinfônica da Cidade de Birmingham em 1980, o Maestro *Sir* Simon Rattle, dez anos depois, passaria a ocupar também a posição de seu Diretor Musical, iniciando um projeto de colaboração entre a Orquestra e compositores residentes, escolhidos para trabalhar estreita e continuamente com o Conjunto. A residência do compositor Mark-Anthony Turnage foi a primeira iniciativa desse projeto e resultou na criação de obras como *Drowned Out*, *Three Screaming Popes* e *Momentum*, que a Sinfônica e *Sir* Simon Rattle gravaram para o selo EMI. Desde janeiro de 1995, e com residência prevista até dezembro deste ano, Judith Weir é a Compositora Associada da Sinfônica de Birmingham.

Regida por *Sir* Simon Rattle, a Orquestra tem realizado inúmeras turnês internacionais, consagradas pelo público e pela crítica especializada em cidades como Paris, Amsterdã, Bruxelas, Helsinque, Viena, Berlim, Milão, Nova Iorque e Tóquio. Em 1994, o Maestro e a Orquestra empreenderam sua terceira turnê ao Japão, a que se seguiram concertos em Viena e Munique, nos festivais de Schleswig-Holstein e Saarland, e na *Alte Oper* de Frankfurt, onde apresentaram o ciclo completo das sinfonias de Beethoven.

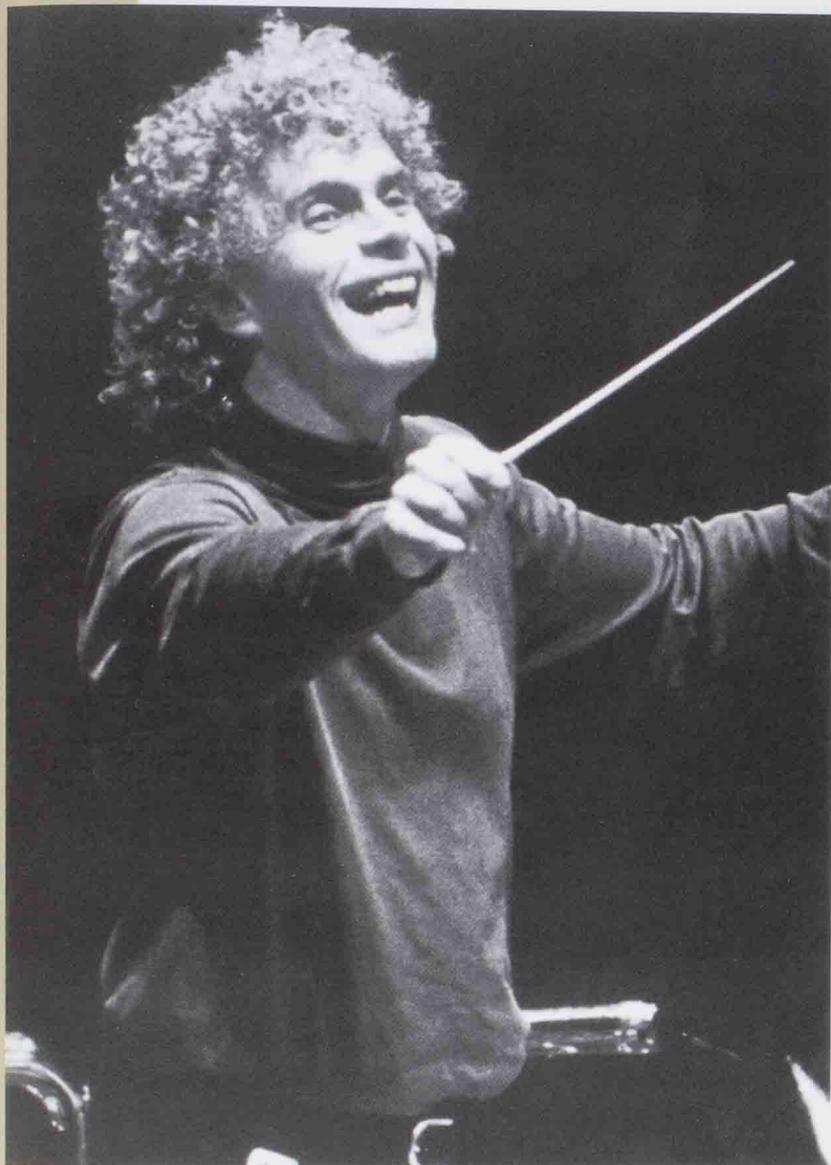
Dentre os álbuns que integram a extensa e premiada discografia de *Sir* Simon Rattle e da Sinfônica de Birmingham destacam-se, para o selo EMI, as seguintes gravações: Sinfonia nº 2, de Mahler, com o Coro da Orquestra Sinfônica da Cidade de Birmingham (escolhido como o Disco do Ano de 1988 pela revista *Gramophone*); Sinfonias nºs 22, 86 e 102, de Haydn; e Sinfonia nº 4, de Shostakovich, e Funeral Russo para Metais e Percussão, de Britten. A Sinfônica de Birmingham registrou também, para o selo Hyperion, as primeiras gravações do Concerto para Piano nº 4, *Opus* 82, de Scharwenka, e do Concerto para Piano nº 1, de Sauer, com Stephen Hough e Lawrence Foster, e gravou ainda, para o selo Cala Records, com Mark Elder, a música incidental de Shostakovich para *Hamlet* e *King Lear*. Quando das comemorações dos 75 anos de fundação da Orquestra, em novembro de 1995, a gravadora EMI Classics lançou CD duplo com obras regidas por Leslie Heward, George Weldon, Louis Frémaux e *Sir* Simon Rattle, figuras de destaque na história da Sinfônica de Birmingham.

Quem trata
pelo nome mais
de 320.000
clientes merece
um prêmio.



TOP DE MARKETING 97
"Marketing de Relacionamento"





Sir Simon Rattle

regência

Nascido em 1955, na cidade de Liverpool, Simon Rattle iniciou seus estudos de regência aos dezesseis anos de idade, na *Royal Academy of Music* de Londres. Em 1974, com apenas dezenove anos, conquistou o primeiro lugar na *John Player International Conductors' Competition* e foi nomeado Maestro Assistente da Orquestra *Sinfonietta* e da Sinfônica de Bournemouth, posições que ocupou por três anos consecutivos. Em seguida à sua permanência junto a essas duas orquestras, regeu a Filarmônica de Liverpool, a Sinfônica Escocesa da *BBC* e a Filarmônica de Roterdã, foi Diretor Artístico do *South Bank Summer Music Festival*, de 1981 a 1983, e atuou também, como Regente Convidado, à frente de várias outras orquestras, dentre as quais a *London Philharmonic*, a *London Sinfonietta* e a *Philharmonia*.

Em 1980, Simon Rattle foi nomeado Regente Principal e Conselheiro Artístico da Sinfônica de Birmingham, desde 1987 é Conselheiro Artístico do *Birmingham Contemporary Music Group*, e em setembro de 1990 assumiu a Direção Musical da Orquestra Sinfônica da Cidade de Birmingham. Desde então, o Maestro Rattle e a Orquestra construíram uma imponente carreira musical, que recebeu considerável impulso com a inauguração, em 1991, do *Symphony Hall* de Birmingham. Dentre os belos frutos dessa parceria contam-se também diversas gravações, uma série de documentários para a televisão e inúmeras turnês internacionais consagradas pelo público e pela crítica especializada.

Sir Simon Rattle estreou no Festival de Glyndebourne em 1977, à frente de produção da obra *The Cunning Little Vixen*, e desde então vem acumulando triunfos na cena lírica: *Ariadne em Naxos*, *O Cavaleiro da Rosa*, *O Amor das Três Laranjas*, *Idomeneo*, *Porgy and Bess*, *L'heure Espagnole* e *L'enfant et les Sortilèges*, todos com a *London Philharmonic*, e *As Bodas de Fígaro*, *Così fan tutte* e *Don Giovanni*, com a *Orchestra of the Age of the Enlightenment*, conjunto de que é Regente Convidado Principal desde 1992. O Maestro Rattle estreou na *English National Opera* em 1985, com *Katya Kabanova*, e em 1990 fez sua *première* na *Royal Opera House*, com *The Cunning Little Vixen*, que gravou para o selo *EMI Classics*.

Desde sua estréia nos Estados Unidos, em 1979, à frente da Orquestra Filarmônica de Los Angeles (conjunto de que foi Regente Convidado Principal entre 1981 e 1994), Sir Simon Rattle tem-se apresentado regularmente na América do Norte, como Maestro Convidado de conjuntos como a Orquestra de Cleveland e as Sinfônicas de São Francisco, Toronto e Boston. Em 1985 fez sua primeira apresentação em Nova Iorque – no *Carnegie Hall* e no *Avery Fisher Hall* –, com a Filarmônica de Los Angeles, em 1988 regeu novamente nessa cidade, à frente da Sinfônica de Birmingham, e nesse mesmo ano fez sua estréia na cena lírica norte-americana, em *Wozzeck*, à frente da *Los Angeles Opera and Philharmonic Orchestra*. Dentre os compromissos artísticos recentes do Maestro Rattle destacam-se apresentações, como convidado, à frente das Filarmônicas de Viena, Berlim, Boston e Los Angeles, turnês japonesa, europeia e inglesa com a Sinfônica de Birmingham, turnês e gravação de *Così fan tutte*, com a *Orchestra of the Age of Enlightenment*, produções líricas de *Jenufa*, para o *Théâtre du Châtelet* de Paris, e de *Parsifal*, para a Ópera da Holanda, e apresentações no Festival de Salzburgo.

A discografia de Sir Simon Rattle, artista exclusivo da EMI há vários anos, reúne mais de sessenta títulos, diversos deles contemplados com alguns dos mais importantes prêmios do mundo do disco. Dentre os álbuns registrados pelo Maestro Rattle destacam-se: Sinfonia nº 2, de Mahler (que mereceu os prêmios *Gramophone* de Disco do Ano, de Melhor Gravação Orquestral e de Melhor Engenharia de Som e Produção); *Porgy and Bess* (vencedor do Prêmio *Gramophone* de Ópera em 1989 e do *International Record Critics' Award* em 1990); *Erwartung*, Sinfonia nº 1 e Variações *Opus 31*, de Schoenberg, com o *Birmingham Contemporary Music Group* e a Sinfônica de Birmingham (premiado pela revista *Gramophone* como a Melhor Gravação Orquestral do Ano de 1995); e, ainda, *Schoenberg/Webern/Berg/Debussy*, que, ao lado de *Porgy and Bess*, valeu ao Maestro o *Grand Prix in Honorem de l'Académie Charles Cros* em 1990, na França. Dentre suas gravações recentes destacam-se também os seguintes álbuns: Sinfonias nºs 22, 86 e 102, de Haydn; Sinfonia nº 4, de Shostakovich, e Funeral Russo para Metais e Percussão, de Britten; *Stabat Mater*, de Szymanowsky (duplamente premiado com o *Gramophone* de 1995, como Melhor Gravação de Obra Coral e Melhor Engenharia de Som); Concertos para Violino nºs 1 e 2, de Szymanowsky; e *Così fan tutte*, de Mozart.

Por sua devoção aos empreendimentos culturais, por seu trabalho à frente da Sinfônica de Birmingham e por seu empenho na construção do magnífico *Symphony Hall*, em Birmingham, Sir Simon Rattle foi agraciado, em 1993, com o Prêmio *Montblanc de la Culture*. Dentre as distinções, prêmios e homenagens que já foram atribuídas ao Maestro Rattle destacam-se também: títulos de Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Birmingham, Leeds e Liverpool; nomeação como o Artista do Ano de 1993, no certame *Gramophone*; título de *Commander of the British Empire*, que lhe foi atribuído em 1987, por serviços prestados à música; título de *Knight Bachelor*, que lhe foi conferido em 1994; e o título de *Officier des Arts et Lettres*, que lhe foi atribuído em 1995 pelo Governo Francês.



TOSHIBA DOUBLE WINDOW. SE A GENTE FOSSE FAZER UM ANÚNCIO TAMANHO NATURAL IA PRECISAR DE UM OUTDOOR.

NOVOS TOSHIBA
MEGASCREEN/DOUBLE WINDOW
40" E 56"*

• NOVO FORMATO THEATER
WIDE SCREEN (TELA DE CINEMA)

• DOUBLE WINDOW
(DUAS IMAGENS SIMULTÂNEAS
NA TELA)

• MULTI WINDOW (DEZ IMAGENS
SIMULTÂNEAS NA TELA)

• STEREO SURROUND

• SAP

• CONTROLE REMOTO UNIFICADO

• SINTONIA AUTOMÁTICA
VHF/UHF/TV A CABO

• 181 CANAIS

• PAL, M/NTSC

• PROCESSADOR DIGITAL
DE IMAGENS

• 800 LINHAS DE RESOLUÇÃO

• ULTRA SLIM DESIGN
(PROFUNDIDADE MÁXIMA:
40" = 39,8 CM - 56" = 53,5 CM)



HOT LINE: (011) 523-9744

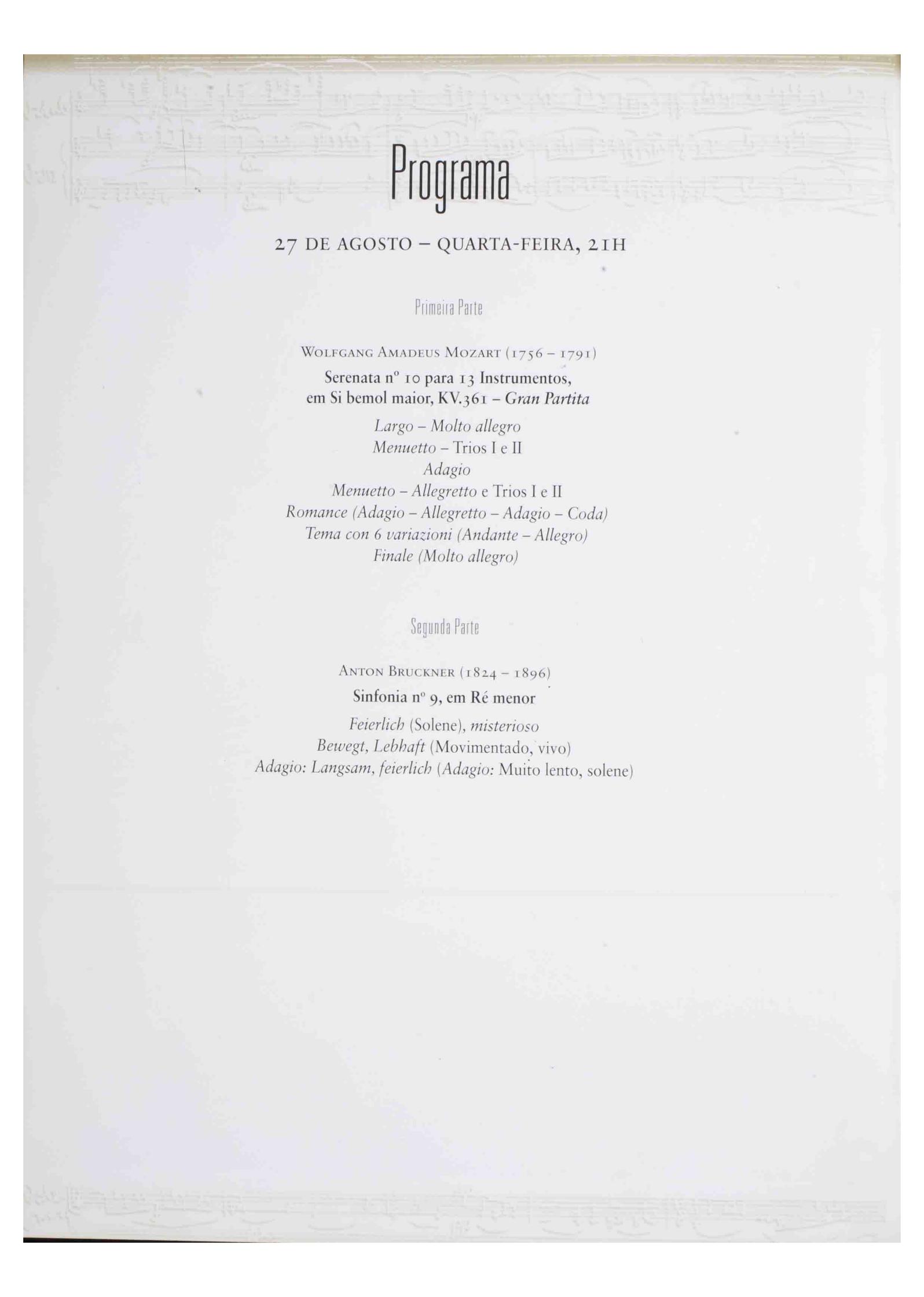
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE HANAUSS  CONHEÇA A ANAZÓRIA



TOSHIBA

SEMP TOSHIBA

OS NOSSOS JAPONESES SÃO MAIS CRIATIVOS QUE OS JAPONESES DOS OUTROS.



Programa

27 DE AGOSTO – QUARTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 – 1791)

Serenata nº 10 para 13 Instrumentos,
em Si bemol maior, KV.361 – *Gran Partita*

Largo – Molto allegro

Menuetto – Trios I e II

Adagio

Menuetto – Allegretto e Trios I e II

Romance (Adagio – Allegretto – Adagio – Coda)

Tema con 6 variazioni (Andante – Allegro)

Finale (Molto allegro)

Segunda Parte

ANTON BRUCKNER (1824 – 1896)

Sinfonia nº 9, em Ré menor

Feierlich (Solene), misterioso

Bewegt, Lebhaft (Movimentado, vivo)

Adagio: Langsam, feierlich (Adagio: Muito lento, solene)

28 E 29 DE AGOSTO – QUINTA E SEXTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

MARK ANTHONY TURNAGE (1960)

Drowned Out (1992/93)

Segunda Parte

GUSTAV MAHLER (1860 – 1911)

Sinfonia nº 5, em Dó sustenido menor

Ester Teil (Primeira Parte)

1. *Trauermarsch. In gemessenem Schritt. Streng. Wie ein Kondukt.*

(Marcha fúnebre. Em um passo comedido. Severo. Como um cortejo fúnebre.)

2. *Stürmisch bewegt. Mit grösster Vehemenz.*

(Tempestuoso e animado. Com maior veemência.)

Zweiter Teil (Segunda Parte)

3. *Scherzo. Kräftig, nicht zu schnell.*

(Scherzo. Enérgico, não muito rápido.)

Dritter Teil (Terceira Parte)

4. *Adagietto. Sehr langsam.*

(Adagietto. Muito lento.)

5. *Rondo-Finale. Allegro – Allegro giocoso. Frisch* (Vivo).

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

Melos Quartet e Martin Lovett, cordas

15 DE SETEMBRO

MOZART Quarteto em Sol maior,
K.387

DVORÁK Quarteto em Ré menor,
Opus 34

SCHUBERT Quinteto em Dó maior,
D.956

16 DE SETEMBRO

SCHUBERT *Quartettsatz* em Dó menor,
D.703

MOZART Quarteto em Dó maior,
K.465

SCHUBERT Quinteto em Dó maior,
D.956

17 DE SETEMBRO

HAYDN Quarteto em Si maior,
Opus 76, nº 4

DVORÁK Quarteto em Fá maior,
Opus 96, "Americano"

SCHUBERT Quinteto em Dó maior,
D.956

City of Birmingham Symphony Orchestra

Direção Musical e Regência: *Sir Simon Rattle*

27 DE AGOSTO – QUARTA-FEIRA, 21H

Primeiros Violinos

Peter Thomas
Robert Heard
Min Yang
Anne Parkin
Colin Twigg
Philip Head
Robert Bilson
David Gregory
Mark Robinson
Wendy Quirk
Andrew Szirtes
Fiona D'Souza
Elizabeth Whalley
Sheila Clarke
Ruth Lawrence
Richard Leaver

Segundos Violinos

Gabrielle Lester
Louise Shackelton
Paul Smith
Catherine Arlidge
Michael Seal
Graeme Littlewood
Dianne Youngman
David Arlan
Brian Horgan
John Sutton
Heather Bradshaw
Austin Rowlands
Catherine Scott
Helen Griffiths
Byron Parish
Rosemary Skelton

Violas

Christopher Yates
Peter Cole
Gwyn Williams
Eugen Popescu
Jennifer Whitelaw
Angela Swanson
Elizabeth Heather
Carol Millward
Julian Robinson
Ulf Aberg
Michael Jenkinson
Catherine Bower

Violoncelos

Ulrich Heinen
Eduardo Vassallo
Richard Jenkinson
David Powell
David Russell
Jacqueline Tyler
Elsbeth Cox
Ian Ludford
Kate Setterfield
Catherine Ardagh-Walter
Edward Boshier
Jull Heartfield

Contrabaixos

John Tattersdill
Julian Atkinson
Charles Wall
Thomas Millar
Mark Doust
Sally Fahy
David Jones
Clive Brown

Flautas

Kevin Gowland
Colin Lilley
Andrew Lane

Oboés

Jonathan Kelly/
Christopher Cowie
Karen O'Connor
Peter Walden

Clarinetas

Colin Parr
Martyn Davies
Mark O'Brien

Corni di basseto

Angela Malsbury
David White

Fagotes

Andrew Barnell
John Schroder

Contrafagote

Margareth Cookhorn

Trompas

Claire Briggs
Martin Wright
Martin Owen
Cormack O'Hadain
Andrew Moxon

Tubas de Wagner

Peter Currie
Mark Phillips
Peter Dyson
Timothy Caister

Trompetes

Jonathan Holland
Wesley Warren
Johathan Quirk

Trombones

Philip Harrison
Danny Longstaff
Carl Fletcher

Trombone-baixo

Alwyn Green

Tuba

Alan Sinclair

Tímpanos

Peter Hill

City of Birmingham Symphony Orchestra
Direção Musical e Regência: *Sir Simon Rattle*

28 E 29 DE AGOSTO – QUINTA E SEXTA-FEIRA, 21H

Primeiros Violinos

Peter Thomas
Robert Heard
Min Yang
Anne Parkin
Colin Twigg
Philip Head
Robert Bilson
David Gregory
Mark Robinson
Wendy Quirk
Andrew Szirtes
Fiona D'Souza
Elizabeth Whalley
Sheila Clarke
Ruth Lawrence
Richard Leaver

Segundos Violinos

Gabrielle Lester
Louise Shackelton
Paul Smith
Catherine Arlidge
Michael Seal
Graeme Littlewood
Dianne Youngman
David Arlan
Brian Horgan
John Sutton
Heather Bradshaw
Austin Rowlands
Catherine Scott
Helen Griffiths
Byron Parish
Rosemary Skelton

Violas

Peter Cole
Christopher Yates
Gwyn Williams
Eugen Popescu
Jennifer Whitelaw
Angela Swanson
Elizabeth Heather
Carol Millward
Julian Robinson
Ulf Aberg
Michael Jenkinson
Catherine Bower

Violoncelos

Eduardo Vassallo
Ulrich Heinen
Richard Jenkinson
David Powell
David Russell
Jacqueline Tyler
Elsbeth Cox
Ian Ludford
Kate Setterfield
Catherine Ardagh-Walter
Edward Boshier
Jull Heartfield

Contrabaixos

John Tattersdill
Julian Atkinson
Charles Wall
Thomas Millar
Mark Doust
Sally Fahy
David Jones
Clive Brown

Flautas

Kevin Gowland
Colin Lilley

Piccolo

Andrew Lane
Leslie Newman

Oboés

Jonathan Kelly/
Christopher Cowie
Karen O'Connor

Corne inglês

Peter Walden

Clarineta

Collin Parr

Clarinetas-baixo

Mark O'Brien
Angela Malsbury

Saxofones

Kyle Horch
David White

Fagotes

Andrew Barnell
John Schroder

Contrafagotes

Margaret Cookhorn

Trompas

Claire Briggs
Peter Currie
Mark Phillips
Peter Dyson
Martin Owen
Timothy Caister

Trompetes

Jonathan Holland
Murray Greig
Wesley Warren
Jonathan Quirk
Miles Maguire

Trombones

Philip Harrison
Danny Longstaff
Carl Fletcher

**Trombone-baixo e
Eufônio (Tuba-tenor)**

Alwyn Green

Tuba

Alan Sinclair

Tímpanos

Peter Hill

Percussão

Huw Ceredig
Margaret Cotton
James Strebing
Cliff Pick
Moira Hanson

Harpa

Robert Johnston

Piano e Celesta

Malcom Wilson

O Unibanco oferece ótimas opções para você, que deseja investir em você mesmo.



W/Brazil

Alguns dos melhores investimentos do Unibanco não são feitos para dar lucro. Mas podem trazer um excelente retorno para você.

O Unibanco mantém o Instituto Moreira Salles, que desenvolve uma programação cultural própria e diversificada. Suas atividades incluem exposições de arte, concertos, cursos, conferências e os Espaços Unibanco de Cinema – são mais de 20 salas de projeção no Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

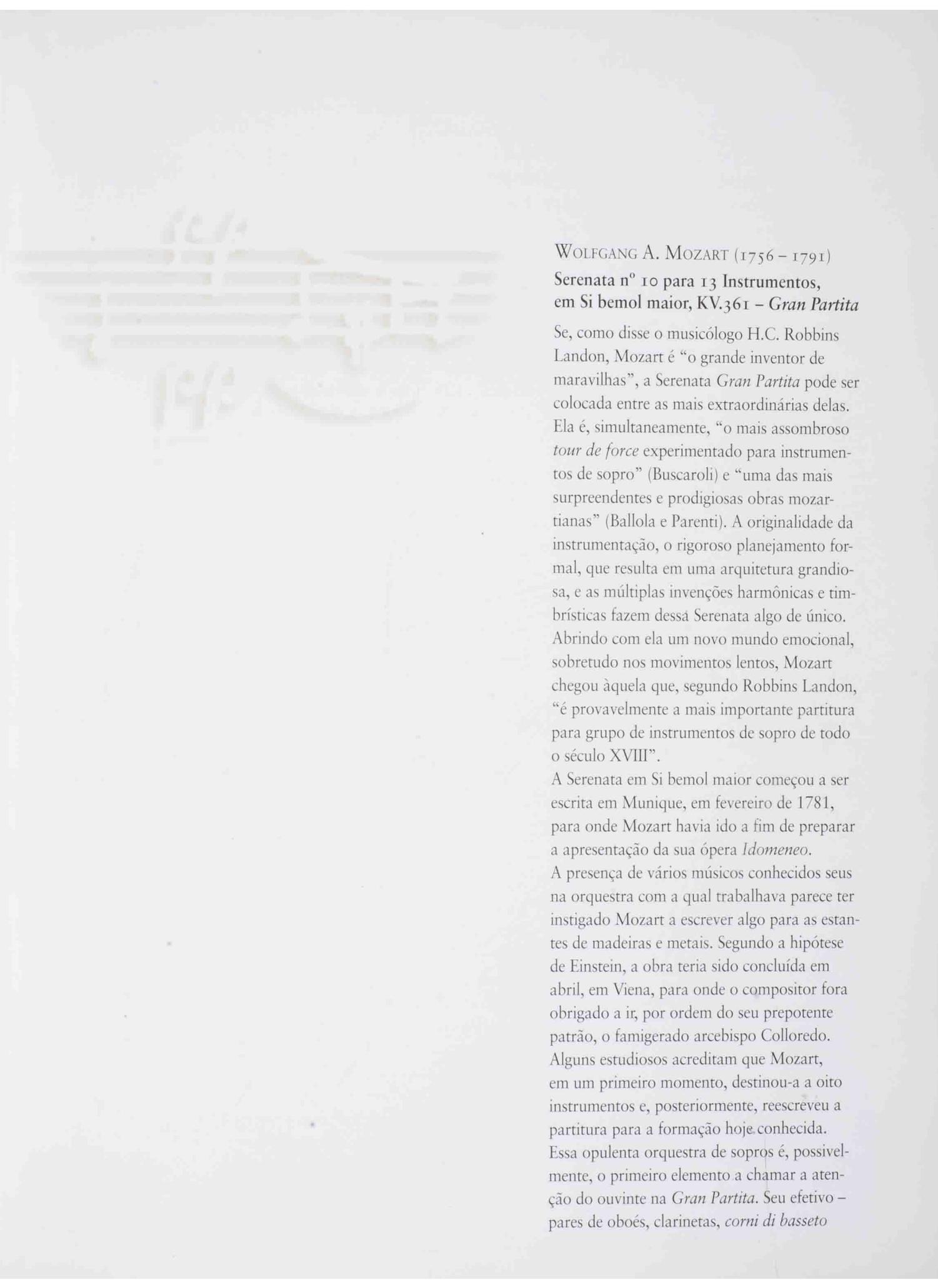
Em cinema, o Unibanco já participou de filmes como A Ostra e o Vento, de Walter Lima Junior; Como Nascem os Anjos, de Murilo Salles, e Foolish Heart, de Hector Babenco.

Em música, o Unibanco patrocina vários projetos, que vão do clássico ao jazz. Nomes como Frederica Von Stade, Oscar Peterson e Betty Carter se apresentaram no Brasil através desse apoio.

São investimentos de primeira linha, que o Unibanco pretende manter em sua carteira por um longo prazo.

UNIBANCO

Banco Único



WOLFGANG A. MOZART (1756 – 1791)

Serenata nº 10 para 13 Instrumentos,
em Si bemol maior, KV.361 – *Gran Partita*

Se, como disse o musicólogo H.C. Robbins Landon, Mozart é “o grande inventor de maravilhas”, a Serenata *Gran Partita* pode ser colocada entre as mais extraordinárias delas. Ela é, simultaneamente, “o mais assombroso *tour de force* experimentado para instrumentos de sopro” (Buscaroli) e “uma das mais surpreendentes e prodigiosas obras mozartianas” (Ballola e Parenti). A originalidade da instrumentação, o rigoroso planejamento formal, que resulta em uma arquitetura grandiosa, e as múltiplas invenções harmônicas e timbrísticas fazem dessa Serenata algo de único. Abrindo com ela um novo mundo emocional, sobretudo nos movimentos lentos, Mozart chegou àquela que, segundo Robbins Landon, “é provavelmente a mais importante partitura para grupo de instrumentos de sopro de todo o século XVIII”.

A Serenata em Si bemol maior começou a ser escrita em Munique, em fevereiro de 1781, para onde Mozart havia ido a fim de preparar a apresentação da sua ópera *Idomeneo*.

A presença de vários músicos conhecidos seus na orquestra com a qual trabalhava parece ter instigado Mozart a escrever algo para as estantes de madeiras e metais. Segundo a hipótese de Einstein, a obra teria sido concluída em abril, em Viena, para onde o compositor fora obrigado a ir, por ordem do seu prepotente patrão, o famigerado arcebispo Colloredo. Alguns estudiosos acreditam que Mozart, em um primeiro momento, destinou-a a oito instrumentos e, posteriormente, reescreveu a partitura para a formação hoje conhecida. Essa opulenta orquestra de sopros é, possivelmente, o primeiro elemento a chamar a atenção do ouvinte na *Gran Partita*. Seu efetivo – pares de oboés, clarinetas, *corni di basseto*

(clarinetas mais graves que as habituais e que Mozart empregava aqui pela primeira vez), trompas e fagotes, mais um contrabaixo – dá ao compositor a possibilidade de criar com ele grandes massas, requintadas polifonias e solos cheios de colorido. E a genialidade de Mozart também se revela nas múltiplas alianças de timbres com as quais surpreende o ouvinte a cada instante.

Ainda mais notável é a densidade do material musical aí utilizado, tão rico quanto o de suas sinfonias e concertos da maturidade. Nessa medida, nada mais longínquo da *Gran Partita* que o espírito “galante” dos divertimentos e serenatas vienenses da época. No movimento inicial (*Largo – Molto allegro*), um introdução prepara um *Allegro* de sonata baseado em três grupos temáticos distintos, tratados de maneira a um só tempo grandiosa e refinada.

O *Menuetto* que vem em seguida, de grande desenvoltura, comporta dois Trios contrastantes. Vem, então, o *Adagio*, unanimemente considerado o instante mais pungente da partitura. Ele é baseado em dois temas que parecem ter caído do céu. Um novo *Menuetto*, também com dois Trios, renova o impulso rítmico e os jogos estabelecidos entre *solis* e *tutti*. O quinto movimento, *Romance*, estabelece um forte contraste entre as duas seções externas, de caráter lírico, e a seção central, que tem o ânimo de um verdadeiro *scherzo*. No *Tema con 6 variazioni*, Mozart não se contenta apenas em variar a melodia principal, como também em dar às suas variantes cores sonoras inesperadas. O *Finale*, um rondó de grande extroversão, faz referências à “música turca” daquele tempo e emprega, como primeiro tema, um motivo que Mozart escrevera quando menino, em Londres, em 1764. O título *Gran Partita*, de significação um tanto nebulosa, não foi dado pelo autor.

ANTON BRUCKNER (1824 – 1896)

Sinfonia nº 9, em Ré menor

A vasta produção sinfônica de Anton Bruckner, fora de um restrito grupo de admiradores, foi fundamentalmente incompreendida quando seu criador ainda vivia. Posteriormente, ela teve que enfrentar o purgatório de ser even-

tualmente mostrada ao público através de versões “retocadas”, “abreviadas” e “aperfeiçoadas”, que contribuíram apenas para que se tivesse uma falsa imagem desse poderoso ciclo sinfônico. Foi somente a partir de 1932, graças ao trabalho pioneiro do musicólogo Robert Hass, de Viena, que as partituras originais do músico voltaram a circular. E seria apenas depois da Segunda Guerra que a *Bruckner Society* teria condições de publicar a primeira edição completa da sua obra, recorrendo às fontes originais.

Na atualidade, Bruckner é considerado um dos mais importantes compositores sinfônicos do século XIX, nesse sentido ocupando lugar-chave entre Beethoven, Schubert e Mahler. Como disse Wolfgang Seifert, o compositor buscou e conseguiu “sintetizar na monumental estrutura da arquitetura sinfônica em larga escala a totalidade das possibilidades de forma e expressão de que sua época dispunha, *solis Deo Gloria*, apenas para a glória de Deus, como costumava escrever Bruckner ao fim de cada partitura”. Para esse estudioso, o compositor austríaco “desejou elevar e concentrar essa estrutura para alcançar a suprema grandeza e sublimidade de que era capaz de atingir”. Apesar de a retórica bruckneriana tender à monumentalidade e de a escritura demandar enormes durações temporais para a concretização dessa espécie de “prosa musical”, a sua é uma arte de síntese. De maneira sempre renovada, suas sinfonias utilizam elementos da monodia medieval do Canto Gregoriano e da polifonia linear de Bach, aliados a um poderoso sentido de drama herdado de Beethoven, a um lirismo entre ingênuo e pungente bebido em Schubert e a uma harmonia cromática extraordinariamente expressiva inspirada por Wagner que, tudo somado, engendra uma síntese única e original.

Nas sinfonias de Bruckner, a peculiar sonoridade da orquestração provém do fato de ela ser, no fundo, uma transposição sinfônica do mundo sonoro mais amado do compositor, o do órgão. Bruckner desenvolveu o princípio de blocos diferenciados de sonoridade dentro da estrutura formal das obras, claramente separando as cores básicas das cordas, das madeiras e dos metais. Utilizou fusões desses três planos sonoros apenas quando elas eram

requeridas por seus estritos princípios formais. Algo semelhante ocorre com o uso que faz das dinâmicas, por “planos”, inspirado pela regulação do órgão.

Bruckner começou a esboçar a Sinfonia nº 9 em 1887, voltando a ela com mais assiduidade entre 1891 e 1892, para completar o *Adagio* no final de 1894, deixando o movimento final inacabado. A obra é aberta por um andamento “Solene, misterioso”, no qual três intrincados grupos temáticos são tratados dentro da forma-sonata; o tom geral é o de um caminhar em direção à transcendência. O *Scherzo* que vem em seguida, com a indicação “Movimentado, vivo”, foi definido por Harry Halbreich como “um vórtice dantesco, um inferno onde se retorcem aqueles que se recusaram à esperança”. O gigantesco, “Muito lento, solene” *Adagio* foi chamado pelo próprio compositor de “Adeus à vida”. Dois grupos temáticos são aí expostos e, de maneira irregular, desenvolvidos e recapitulados em um clima de “paz sobrenatural”, na expressão de Paul-Gilbert Langevin.

MARK ANTHONY TURNAGE (1960)

Drowned Out (1992/93)

Esta é a primeira vez que uma obra sinfônica de Mark-Anthony Turnage é apresentada no Brasil. Nascido em Essex, na Inglaterra, em uma família de severos pentecostais, em casa ele só ouvia música clássica, inclusive a feita por seus pais, instrumentistas amadores. Começando a estudar piano aos 6 anos, logo passou a compor peças que ele próprio tinha dificuldade de executar. Aos 15 anos, foi estudar com Olivier Knussen e John Lambert, no *Royal College of Music* de Londres, cidade em cuja periferia foi morar. Como a música popular era proibida em sua casa, foi a partir de então que entrou em contato com várias faixas dessa produção, interessando-se sobretudo pelo *blues* e pelo *jazz* “feitos por negros”, como fez questão de frisar um dia. Ganhando vários prêmios na escola, um deles permitiu a Turnage ir a Tanglewood, nos Estados Unidos, para estudar com Gunther Schuller e Hans Werner Henze. Suas principais obras escritas entre 1987 e 1994 – *Release*,

a ópera *Greek*, *Three Screaming Popes*, *Momentum*, *Drowned Out*, *Your Rockaby* e *Blood on the Floor*, dentre outras – apontam para uma personalidade bastante peculiar. Espírito fim-de-século, é dono de um estilo flexível e heterodoxo que alia lembranças e transfigurações que vão do Expressionismo das primeiras décadas deste século a evocações de procedimentos mais recentes como os do Minimalismo, da chamada Nova-consonância e mesmo da vanguarda mais experimental. Assim, não é por acaso que, entre os compositores que coloca como os de sua predileção do panorama atual, ele cite tanto o pós-minimalista e um tanto pós-pop Steve Martland quanto o experimentalista radical György Ligeti. Seu interesse pelo *soul* e pelo *jazz* também pode ser percebido em várias de suas partituras, cheias de agitação rítmica sincopada e de polifonias que aparentam ser frutos de improvisação.

Diferentemente de tantos outros músicos nascidos há menos de 40 anos, Turnage tem podido escrever obras destinadas à grande formação sinfônica. Nesse sentido, sua ligação com a *City of Birmingham Symphony Orchestra* tem sido fundamental. Compositor residente dessa orquestra durante um período de quatro anos, escreveu expressamente para ela obras como *Drowned Out*, sua derradeira nessa associação propiciada por projeto do *Radcliffe Trust*.

Turnage costuma tomar como “estopim” para o seu trabalho elementos técnicos e semânticos que localiza em obras extras-musicais. A pintura de Francis Bacon, por exemplo, já sugeriu a ele *Three Screaming Popes* e *Blood on the Floor*. O ponto de partida que deu a Mark-Anthony Turnage o ímpeto para escrever *Drowned Out* (título que talvez possa ser livremente traduzido como “Submerso”) foi o romance *Pincher Martin*, de William Golding. O livro retrata a visão de pesadelo de um homem se afogando. Para Colin Mattheus, a partitura compartilha com o texto literário sobretudo o seu caráter alucinatório, que o compositor concretiza através de alianças musicais que soam, a um só tempo, “sorumbaticamente rapsódicas e brutalmente dinâmicas”.

Em um único movimento de pouco mais de 20 minutos de duração, *Drowned Out* inicia-se

com texturas sombrias (indicação da partitura: lento e submerso), entre as quais uma figura das cordas se impõe, pela repetição. O discurso ganha paulatinamente intensidade, vigor e crescente tensão e, mesmo nos instantes mais calmos, a partitura indica: “subjugado mas ameaçador”. Depois de um breve silêncio, alcança-se o clímax, atordoante, que adiante se dissolve em meio a traços algo líricos. “E a obra acaba em angustiada escuridão”, como notou C. Matthews.

GUSTAV MAHLER (1860 – 1911)

Sinfonia nº 5, em Dó sustenido menor

Com a Quinta Sinfonia (1901/1902), Mahler dá um novo rumo à sua produção sinfônica. Deixando para trás o universo poético da antologia *Das Knaben Wunderhorn* (A Trompa Mágica do Menino), que alimentara suas primeiras quatro sinfonias, ele inicia um novo ciclo de obras, agora puramente instrumentais – o das Sinfonias de nºs 5, 6 e 7. Como disse o seu mais atento biógrafo, o barão Henry-Louis de La Grange, “na Quinta, o pensamento musical de Mahler se enriquece e desabrocha, não somente porque uma nova opulência orquestral deve compensar o abandono voluntário da voz e de seus recursos, mas também porque o tecido polifônico é mais rigoroso, mais tenso, mais complicado em sua trama”. Dando-se conta de que “um novo estilo exigia uma nova técnica”, o compositor reveria sua orquestração até o final da vida. A partir da Quarta Sinfonia, Mahler já se recusava a tornar público qualquer comentário ou explicação verbal sobre suas obras. Mas a Quinta está tão cheia de referências semânticas que já se viu nela “a celebração do triunfo do homem e do criador sobre a dor e a morte”. O “cortejo fúnebre” do movimento inicial, o frenesi desesperado do segundo movimento, o *Scherzo*, que o próprio compositor confidenciaria a uma amiga representar “o homem em plena luz do dia, elevado ao ponto mais alto da sua existência”, a canção sem palavras que é o *Adagietto*, declaração amorosa entregue a Alma Schindler, e o vitorioso *Finale* apontam para um programa extra-musical. Como disse um dos primei-

ros musicólogos a compreender a mensagem mahleriana, Richard Specht, trata-se “de uma tentativa de reorganizar o mundo a partir do eu individual”.

Na Quinta Sinfonia, os vários movimentos repartem temas em comum, transformados. Mahler os organiza segundo uma simetria de andamentos – Lento, rápido; *Scherzo*; Lento, rápido – e os articula através do seu conceito de tonalidade “progressiva”: Dó sustenido menor (Marcha fúnebre), Lá menor (Tempestuoso e animado), Ré maior (*Scherzo*), Fá maior (*Adagietto*) e Ré maior (Rondó final).

Na “Marcha fúnebre” inicial, nota-se sobretudo que o material temático evolui sem cessar, a partir de um conjunto de células, abandonando a esperada forma-sonata. No “Tempestuoso e animado”, a violência desencadeada de maneira febril se organiza na esperada forma-sonata; perto do seu fim, esse movimento contém um Coral vitorioso que, segundo Theodor Wiesegrund Adorno, tem “o caráter fantasmagórico de uma aparição celeste”. No irregular e assimétrico *Scherzo*, de proporções monumentais, o raro bom humor de Mahler se manifesta na contraposição de uma dança camponesa (o *ländler* austríaco) a uma dança citadina (a valsa vienense). O terno e meditativo *Adagietto*, destinado apenas às cordas da orquestra e à harpa, é um “romance sem palavras” que o cineasta Lucchino Visconti transformou em *hit* de sucesso ao empregá-lo no seu filme *Morte em Veneza*. O *Rondo-Finale* entrelaça, de maneira jubilosa, as formas do rondó e da sonata, com vários episódios fugados, e onde a reaparição do Coral do segundo movimento adquire, finalmente, uma conotação de vitória.

Programa Membership Rewards da American Express®



**4.000
pontos**



**2.500
pontos**



**5.000
pontos**



**2.000
pontos**



**2.000
pontos**

O céu não é o limite.

A American Express oferece um mundo de recompensas para seus Associados através do programa Membership Rewards. Cada dólar ou o equivalente em reais de despesas efetuadas com os cartões vale 1 ponto.

A partir de 2.000 pontos você pode ganhar um desconto de US\$ 100 na instalação da TV por assinatura TVA. Pode também transferi-los para os programas de milhagem das companhias aéreas Air France e Swissair/Austrian AirLines ou para os programas de incentivo das redes de hotéis ITT-Sheraton, Renaissance e Westin.

E, com 2.500 pontos, você já pode contar com descontos na compra de equipamentos IBM.

Cada 4.000 pontos dão direito a uma diária para duas pessoas em hotéis espalhados pelo Brasil.

E com 5.000 pontos você pode optar por uma diária na locação de um automóvel na Localiza.

Em qualquer uma dessas duas últimas opções, você pode solicitar diárias consecutivas, de acordo com a sua disponibilidade de pontos.

Mas esse é só o começo.

**Inscreeva-se agora mesmo.
Ligue 0800 78-5050.**



Membership
Rewards



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**